

As situações na Copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

Fernando Segura M. Trejo*
Rafael Soares Gonçalves**

*Professor Visitante na Universidade Federal de Goiás, Campus Goiânia
Pesquisador filiado ao *Centro de Investigación y Docencia Económicas*, CIDE, México
Pesquisador filiado ao Laboratório, *Violence, Identité, Politique et Sport*, VIPS, Rennes II, França.

Contato com o autor: fernando.segura@cide.edu

**Universidade Federal Fluminense. Niterói. RJ. Brasil.

Contato com o autor: rafaelsoaresg@gmail.com

Resumo: Desde o ano 2003 existe um mundial chamado *Homeless World Cup*. Suas estatísticas indicam que, seis meses depois e em média, 70% dos participantes em um mundial se encontram em uma situação social melhor. Aproximadamente 90% tem considerado a experiência como algo positivo. Entre 30% e 40% seguem praticando esporte, uma porcentagem menor encontra emprego, assim como tantos outros começaram ou retornaram aos estudos. No que esta pesquisa se pretende, a maneira de perceber e interpretar os efeitos produzidos foram na companhia de três delegações francesas na sua preparação, no dia-a-dia e no retorno na França depois dos eventos de Melbourne 2008, Milão 2009 e Rio de Janeiro 2010. Assim, o presente artigo busca promover o debate sobre a participação de pessoas em situação de vulnerabilidade em um evento esportivo internacional, destacando tanto os impactos positivos como os limites e as tensões que podem ser originadas durante a experiência esportiva dos jogadores sem domicílio fixo.

Palavras-chave: Futebol. Mundial dos Sem Teto. Experiência. Impactos. Acompanhamento.

Abstract: Situations in World Cup Homeless in perspective: An analysis from the experiences and looks of the players. A football tournament called the Homeless World Cup exists since the year 2003. Its records indicate that 6 months after the event and in average, 70% of the participant players are in a better situation. Approximately, 90% of the participants have estimated the World Cup as a positive experience in their lives. Between 30 and 40% continue to practice football. A smaller percentage of them have found a job and others have returned or initiated their studies. As far as this research concerns, the observations and the interpretation of the effects produced by this tournament are based on the accompaniment of three delegations, either during the preparation, the event and the return to France after Melbourne 2008, Milan 2009 and Rio de Janeiro 2010. As follows, this article aims at fostering debate around the benefits, but also the limitations and tensions emanating from the sporting experience of vulnerable populations taking part in one international event.

Keywords: Football. Homeless World Cup. Experience. Impact. Social accompaniment



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

1 O esporte como ferramenta social

Como sabemos, o mundo do esporte marcou parte da trajetória do século XX, gerando efeitos múltiplos e simbólicos, tanto coletivos quanto individuais (DEFrance, 2000). Dentro dos circuitos internacionais, os canais têm sido definidos estrita e rigorosamente para enquadrar a participação dos esportistas de alto rendimento. Porém, ainda existem poucas interpretações e escassas informações sobre os impactos sociológicos dos eventos esportivos internacionais destinados para populações em situações de exclusão e vulnerabilidade social. O déficit ocorre principalmente em eventos de menor repercussão econômica e midiática que os conhecidos Jogos Olímpicos e os mundiais da FIFA.

Não obstante, observa-se nos últimos anos uma multiplicação de acontecimentos, programas e projetos de desenvolvimento social que partem da ferramenta do esporte para diversos fins sociais. Instituições internacionais e organizações não governamentais mantêm iniciativas em zonas de conflitos e baixos indicadores sociais, priorizando as virtudes integradoras e regeneradoras do(s) esporte(s). Diante do aumento da exclusão, pobreza e insegurança, o mundo do esporte tem manifestado o desejo de compromisso e o desafio de reduzir desigualdades, proporcionar acesso a populações desfavorecidas e, sobretudo, tentar reconstruir tecidos sociais afetados por circunstâncias trágicas¹. Assim, partindo da base que o esporte pode induzir efeitos positivos, alguns trabalhos empíricos têm evidenciado a relação com a inclusão social em programas na Austrália (BLOOMFIELD, 2003; BAILEY, 2005)², Inglaterra (GREEN, 2006; CRABBE, 2007)³, Canadá (HOULIHAN, 1997)⁴ e África do Sul

¹ Ver, por exemplo, a conferência de GUILIANOTTI, R.; AMSTRONG, G.; HOGNESTAND, H. *Sport and Peace*, 2003.

² BLOOMFIELD, John, *Australia's Sporting Success: the inside story*, 2003. Consultar também BAILEY, Richard, *Evaluation the relationship between physical education, sport, and social inclusion*, 2005; ou ainda HYLONT, Kevin e TOTTEEN, Michael, "Community Sport Development", in: HYLTON; BRAMHAM (edit.), *Sport development: policy, process and practice*, 2008.

³ Green defende que o acesso ao esporte nas populações marginalizadas reduz a exclusão social. Ver GREEN, Mick, *From Sport for All to Not About Sport at All? Interrogating Sport Policy Interventions in the United Kingdom*, 2006. Crabbe indica que a noção de esporte como um bem público, com externalidades positivas para a comunidade e para o beneficiário individual, tornou-se nos últimos anos uma força de convicção quase unânime. Ver CRABBE, Tim, *Reaching the hard to reach: engagement, relationship building and social control in sport based social inclusion work*, 2007.

⁴ Houlihan tem comparado as políticas públicas destinadas ao esporte no Canadá, Estados Unidos, Austrália, Inglaterra e Irlanda. Ver HOULIHAN, Barrie. *Sport, Policy and Politics: A comparative analysis*, 1997.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

(BURNETT, 2001; 2006)⁵. Desta maneira, alguns autores concordam que a participação em atividades esportivas pode levar a mudanças pessoais, que por sua vez podem desdobrar em impactos sociais significativos. Green (2008) esclarece que não é o esporte em si que pode gerar mudanças sociais significativas, mas a maneira que se implementa e o conduz.

Neste sentido, autoridades esportivas internacionais, órgãos multilaterais de desenvolvimento, assim como diversas ONGs, têm promovido este uso socialmente terapêutico, em especial dos esportes coletivos em diferentes contextos. Assim, desde o ano 2003 tem aparecido em cena um mundial de futebol denominado *Homeless World Cup*. Isto é, a Copa do Mundo dos Sem Teto, cujo um crescimento anual tem sido significativo. De 18 países na primeira edição em Graz 2003 (Áustria), Paris 2011 superou os 50 países e 63 times participantes entre equipes masculinas e femininas, seguindo a projeção para México 2012 (SEGURA M. TREJO, 2013), Poznan 2013, Santiago de Chile 2014, Amsterdã 2015 e a prevista edição de Glasgow 2016.

A criação da *Homeless World Cup* reveste precisamente uma natureza destinada a permitir a inclusão e a prática esportiva em pessoas extremamente marginalizadas. O qual compreende, também, uma exclusão dos circuitos institucionais do esporte⁶. Esta jovem manifestação sócio-esportiva, junta-se a associações locais que se esforçam para acompanhar pessoas socialmente vulneráveis, oferecendo as ferramentas de um futebol praticado com dimensões técnicas específicas. O futebol durante este mundial se joga com 3 jogadores e um goleiro. Poucos países possuem estrutura e terrenos similares aos do mundial, mas buscam, na preparação, treinarem de acordo com as regras da *Homeless World Cup*. Ainda assim, muitos praticam o esporte em campos de terra durante o ano.

Existem já alguns estudos independentes que demonstram tanto impactos temporários, como outros um pouco mais transcendentais nos participantes (SHERRY, 2010; MAGEE, 2011; MAGEE & JEANES, 2013; SEGURA M. TREJO et al 2015). Sherry expôs o valor da comunidade gerado em uma delegação australiana formada para a *Homeless World Cup* 2006

⁵ Sobre o caso da África do Sul, ver os trabalhos de Cora Burnett. BURNETT, Cora. *Social Impact Assessment and Sport Development*, 2001. Ver também BURNETT, Cora. “Building Social Capital Through an Active Community Club”, *International Review for the Sociology of Sport*, 2006.

⁶ Apesar de alguns dos participantes dos eventos deste mundial possuir experiências nos circuitos oficiais de futebol, outros têm sido capazes de iniciar esta disciplina graças a uma prática esportiva que os motiva.



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

na Cidade do Cabo (Cape Town)⁷. Durante a preparação, Sherry pôde constatar senso de obrigação e equipe, mesmo de amizade. No entanto, o processo de seleção criado gerou alguma confusão e uma mistura de sentimentos de orgulho para alguns e decepção para os outros. Outra pesquisa realizada como membro (*coach*) do grupo durante a primeira *Homeless World Cup* com a delegação de Gales em 2003, demonstrou as dificuldades que podem apresentar-se para motivar e inculcar disciplina esportiva em um grupo não habituado nem a horários nem a uma higiene de vida estável⁸. Uma outra levantada com as delegações francesas mostrou como as derrotas no campo de jogo durante o torneio internacional podem afetar a autoestima dos jogadores (SEGURA M. TREJO et al 2015).

De fato, este evento internacional tem gerado uma variedade de repercussões sociais, esportivas e midiáticas. Contudo, nem todas são totalmente conhecidas nem inteiramente mensuráveis, e não envolvem unicamente os jogadores (SHERRY et al 2011). Porém, a razão de ser do torneio segue sendo seus futebolistas participantes. Mas o que realmente acontece com eles? Além das estatísticas levantadas pelos próprios organizadores e pelas avaliações sobre alguma edição⁹, o que ocorre no momento em que se forma uma delegação para participar nesta Copa dos Sem Teto? O que acontece durante o Mundial? E quando se separam após a viagem?

Erving Goffman (1959) observou que a personalidade humana assume um caráter sagrado, a ponto de se tornar o maior atributo que um indivíduo apresenta e ao interagir na sociedade. Acontece, que no caso de moradores de rua, em reabilitação de vícios (dependência química), ou em grande vulnerabilidade social, como são a maioria dos jogadores da *Homeless* quando iniciam o processo esportivo; as identidades forjadas ou estigmas manifestos levaram o indivíduo geralmente a projetar – sobre o todo uma imagem para si mesmo – de desvalorização pessoal. Neste trabalho buscamos indagar um pouco mais minuciosamente que as estatísticas, alguns dos efeitos que a prática esportiva e a participação neste evento internacional podem envolver, estimular e inclusive também camuflar. De que

⁷ SHERRY, Emma. “(Re)engaging marginalised groups through sport: The Homeless World Cup”, *International Review for the Sociology of Sport*, 2009.

⁸ Ver MAGEE, Jonathan, “Disengagement, demotivation, vulnerable groups and sport inclusion: a case study of the Homeless World Cup”, *Soccer & Society*, 2011.

⁹ SHERRY, Emma, *Homeless World Cup. Melbourne 2008, Research and Evaluation Report*, 2009. Outra abordagem é de O'MAY, Fiona. *Homeless World Cup, Milano 2009, Research and Evaluation Report, November 2009*, 2009.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

efeitos podemos falar? Como se produzem? Qual é sua duração? Que outros efeitos emergem da incorporação a um treinamento desportivo com olhares internacionais? Propomos assim, como hipótese inicial, assumir o fato de que esta experiência esportiva introduz na vida dos participantes uma temporalidade que encoraja a reconsiderar situações do passado (e presente), tornando em parte a projeção da imagem pessoal. Porém, essa nova projeção de uma imagem regenerada pode estar sujeita à experiência positiva, ou negativa, da vivência esportiva. O presente trabalho tenta verificar o que acontece sociologicamente com os jogadores participantes, mas não consideramos que os casos observados aconteçam sempre desta maneira com todas as delegações. A única contribuição do presente trabalho pode ser aquela de encontrar padrões identificáveis partir de quatro anos de pesquisa mediante observação e acompanhamento.

2 Descrição das fontes e metodologia

Esta pesquisa foi realizada principalmente no âmbito de uma tese de Doutorado (SEGURA M. TREJO, 2011)¹⁰. O trabalho de campo implicou uma imersão, entre novembro de 2007 e novembro de 2011, em diferentes instâncias do projeto francês associado com a *Homeless World Cup*. Em um primeiro momento, após o acesso às associações *Remise em Jeu*, *Caritas-Secours Catholique Paris* e o *Centre d'Accueil et de Soins Hospitaliers de Nanterre*, foi possível entrevistar 10 jogadores das edições da *Homeless* entre 2004 e 2007. No segundo momento, foram acompanhadas em todas as fases, as delegações da França que se prepararam para Melbourne 2008, Milão 2009, Rio de Janeiro de 2010 e a organização do mundial de Paris de 2011, colocando o pesquisador em um papel muito variado. Em analogia com o trabalho feito por Wacquant (2000) foi possível participar dos treinamentos; em outros momentos na função de árbitro (*referee*), assistente técnico (*coach*) e membro do *staff* (equipe) durante os mundiais. Assim, foram realizadas 30 entrevistas mais aprofundadas¹¹

¹⁰ A tese foi defendida em 21 de setembro de 2011 na *Ecole des Hautes en Sciences Sociales* (EHESS) com o título: “La Homeless World Cup et le Championnat de lutte contre l’exclusion sociale en France. Analyse sociologique de parcours d’exception”, sob orientação de Philippe Urfalino e Patrick Mignon.

¹¹ Cada delegação é composta por 8 jogadores e no mínimo dois membros do *staff*.



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

durante as etapas de preparação. Com a mesma importância, tomou-se nota de diferentes momentos e sensações durante o torneio.

Posteriormente, estendeu-se o convívio com os jogadores por meses. No caso do evento de Melbourne 2008, o acompanhamento procurou ser estendido até setembro de 2011. Assim, pôde-se observar tanto o retorno imediato na região metropolitana de Paris como o transcorrer dos meses. Com o participante mais antigo (edição de 2004) os retrospectivos diálogos chegaram a considerar uma temporalidade de 6 anos. Com outros, o horizonte implicava entre um ou dois anos, dependendo da edição que participaram. Porém, nem todos os integrantes foram acompanhados da mesma maneira por razões que estão além da capacidade do pesquisador¹². Cabe dizer, também, que o fato do pesquisador ter sido percebido como um estudante estrangeiro na França gerou uma identificação particular com muitos dos entrevistados. Uma situação que resultou em uma vantagem inestimada para o fluxo dos diálogos baseado na empatia.

O caráter da exposição dos depoimentos recolhidos é meramente qualitativo. A maioria dos testemunhos foram colhidos em francês e traduzidos posteriormente. Os membros do *staff* foram também objeto de diálogo e trocas de pontos de vista; que enriqueceram, complementaram e corrigiram o fluxo de informações. O número de informantes considera, da mesma maneira, os jogadores e treinadores de diferentes países em quatro edições do mundial, sendo consultados 20 participantes de outros países.

O coautor do artigo contribui tanto na interpretação da etnografia realizada pelo pesquisador como na redação e tradução do texto para o português (escrito originalmente em espanhol), assim como na adequação da norma, estilo e a reelaboração de questões levantadas na pesquisa de campo, pensadas aqui para um público não conhecedor nem da *Homeless World Cup* nem da ferramenta de este tipo de futebol. O trabalho entre o autor e o coautor visa possibilitar outro olhar sobre o objeto, um novo diálogo e surgimento de diferentes questões.

¹² Alguns emigraram para outras cidades e assim sua participação foi se diluindo.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

3 O Mundial no olhar dos jogadores

A interpretação do impacto gerado pela participação no torneio internacional pode subdividir-se em três fases. A etapa de preparação, onde os jogadores experimentam uma série de sensações e emoções a medida que a esperada data se aproxima. A experiência do torneio, que contém os períodos de alta excitação e vibrações diferentes. Finalmente, o regresso ao país quando tudo começa a desvanecer-se e o jogador reinterpreta a experiência vivida.

4 A Preparação do Mundial: entre a definição de uma situação e a excitação

Quando um jogador se junta a uma delegação que se prepara para este Mundial, costuma vir de uma situação que oscila entre a precariedade e insegurança por um lado, e o desejo de revertê-la por outro. Alguns assumem, outros a negam. Karim, 29, um franco-argelino, selecionado para a edição de Melbourne 2008: "Faz anos que estou em uma situação pessoal desastrosa, me mudo de hotel para hotel, de trabalho em trabalho, eu não aguento mais isso, eu preciso de estabilidade. Desejo reconstruir minha vida, o fato de treinar me dá disciplina e motivação". Vários jogadores desde o início associam a possibilidade de melhorar as suas vidas graças, pelo menos em parte, à prática do futebol a partir da possibilidade de participar desta Copa do Mundo. Gena, lituano, 40, desempregado no momento em que foi selecionado em Paris: "Vou dar tudo por esta oportunidade. A única coisa que poderia me impedir de viajar é encontrar um emprego no período do mundial. Mas eu procuraria negociar com os empregadores para explicar que isso pode me ajudar no futuro."

Na França, os jogadores entre 2007 e 2010 foram sempre selecionados a partir de um campeonato¹³. Uma porcentagem esmagadora vinha das antigas colônias francesas na África; outro percentual menor do Leste Europeu e um pequeno número de jovens franceses morando em abrigos ou centros de reabilitação de drogas e álcool. Vários estavam em estágios avançados em relação à sua reinserção social, preparando-se para candidatura a um emprego

¹³ O qual agregava várias associações da região de *Ile de France*.



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

ou já em algum processo de capacitação profissional e / ou diploma. Outros, mais marcados pelo tempo em que passaram na rua com cicatrizes em seus corpos e rostos e condição física deteriorada, apontavam velhos hábitos – e recentes – de alto consumo de álcool e tabaco. Como observam Brousse, Firdon e Marpsat (2008) a falta de horário e estabilidade do sono, má alimentação e altos níveis de ansiedade caracterizam as pessoas sem domicílio fixo na França¹⁴. Mas mesmo com a rotina debilitada, o treinamento envolvia uma disposição para a prática do esporte nestes jogadores.

No entanto, os sistemas de seleção para o Mundial variam de um país para outro, tendo semelhanças e diferenças significativas não só nos contextos, mas também nos critérios¹⁵. Os jogadores das equipes francesas acompanhadas eram escolhidos pelos assistentes sociais e os casos discutidos em reuniões. Dois critérios principais eram levados em conta: a presença regular no campeonato local e a utilidade social que a viagem podia implicar em cada jogador. Em geral, os grupos foram formados por um número maior que aqueles que viajariam, assumindo que alguns poderiam desistir¹⁶.

Cada jogador integrado, além de ter sido sujeito à consideração da sua situação social (e esportiva), também era colocado em perspectiva cos fatores que o levaram a uma situação de sem domicílio fixo, ou de grande dificuldade sociais. Karl, 23, francês: "O que me levou a esta situação foi uma ruptura com a minha ex-parceira. Em pouco tempo eu me encontrava praticamente na rua." As rupturas sociais com famílias ou os casais (parceiros) podem precipitar uma espiral de má sorte até levar o indivíduo a se encontrar em uma situação inesperada. Alguns se perguntavam, até mesmo, como eles podiam ter chegado lá: "Eu não

¹⁴ Na França a denominação de toda pessoa que atravessa uma situação de não ter um domicílio fixo é SDF (*Sans Domicile Fixe*). Ao ponto que hoje é comum escutar nos meios de comunicação assim como em conversas ordinárias e informais a denominação: Os SDF.

¹⁵ Este não é, sem dúvida, o objeto de análise do presente artigo. Em vários países, ao crescer o número de participantes e candidatos, as associações devem escolher o perfil de jogadores que vão selecionar. Em alguns se privilegia os jogadores que estão melhores preparados mental e tecnicamente para o mundial. Na França isso tem sido sempre um tema de debate, incluindo-se jogadores que não tinham um bom nível de futebol, mas mostravam muita vontade. Na Espanha, Bélgica, Alemanha ou Suíça, países que não buscam ganhar o mundial por si só, se observa a mesma tendência de equilíbrio entre dimensões sociais e esportivas. Este aspecto também é tratado no artigo: SEGURA M, TREJO, Fernando. *La gouvernance de la Homeless World Cup*, 2012.

¹⁶ A diferença do fator motivacional inicialmente submencionado por Magee (2011), onde o *coach* devia fazer esforços consideráveis para motivar e inculcar disciplina aos jogadores; o nível de motivação constatado tem sido sempre elevado nas sucessivas seleções francesas. Isto, ao ponto que alguns jogadores podem inclusive recriminar a outros pelo fato de não levar a sério a preparação, se notam por exemplos que alguns não estão dando tudo que podem.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

entendo como tudo isso aconteceu. Mas eu não quero toda essa porcaria para mim." Exceto em alguns casos, os jogadores relatam suas situações. Arezki, 31, um franco-argelino, "Do passado não quero falar. O que passou, passou. Agora estou aqui e quero seguir em frente. Peço respeito pela minha posição". Em contrapartida, Benjamin, do Togo, 30 anos, relatou que ao chegar à França para pedir asilo, encontrou grandes dificuldades. Sendo um músico e que chegou com mais dois outros membros de seu grupo, pôde contar com o apoio diário de seus pares, que lhe ajudou a solicitar um lugar em um abrigo. A equipe de futebol do *Centre d'Accueil et de Soins Hospitaliers de Nanterre* lhe abriu a possibilidade de conhecer mais pessoas; e viajar para Austrália com a equipe da França na *Homeless World Cup 2008* em Melbourne.

Assim, à medida que eram incorporados, os jogadores agregavam uma atividade às suas vidas. Alguns voltavam à prática do esporte vindo de uma inatividade física regular; outros começavam a jogar futebol, descobrindo facetas e sentimentos desconhecidos. Benjamin: "No Togo, nunca tinha jogado em um clube, só às vezes com os amigos em campos de terra. Na França, esta associação me permitiu jogar em campos sintéticos, ter uma camisa de futebol e chuteiras. Tudo isto é muito mais do que eu esperava." Este fato implica não só uma dimensão ocupacional; em alguns impactou inclusive na projeção de uma faceta da própria identidade.

Callero (2003) já expôs evidência empírica sobre as muitas faces da identidade de uma pessoa na sociedade, bem como o maior peso relativo da incorporação de uma nova faceta a grupos em situação de marginalidade. Para os jogadores que compõem essas delegações, a apropriação desta nova faceta, mesmo em um horizonte indefinido, adquire um valor primordial. Tiberiu, romeno, 39 anos: "Estou orgulhoso de representar a França em um mundial, me sinto realmente, e pela primeira vez, francês." Samir, Argélia, 25 anos: "No abrigo que vivo todo mundo sabe que eu preparo para o mundial, de repente eu me tornei uma estrela." Karim: "Algumas pessoas inclusive me invejam quando às digo que viajarei à Austrália." Benjamin: "Depois disto, eu quero um emprego estável e me estabelecer para trazer minha família do Togo para a França." Karim: "Quando você vive de tudo isso, com estas condições, eu digo que tudo não está perdido, há tempo para pensar em uma vida melhor, inclusive de formar uma família." Arezki: "Eu estava há alguns meses em uma depressão que havia dias que não podia sair à rua. Agora, depois de meses de treinamento, de



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

ver as pessoas, de rir, de correr ao ar livre, de receber instruções técnicas, tem produzido uma mudança na minha maneira de ver as coisas". Alguns jogadores se rebelaram contra estigmas e rótulos colocados pelos meios de comunicação e serviços administrativos sobre as pessoas que vivem na rua. Anthony, francês, 23 anos, "Por favor, eu não estou SDF¹⁷". Patrick, ruandês, 25 anos: "Parece que uma vez que você passa por uma situação dessas, o rótulo SDF é levado por uma vida inteira. Não é assim, eu tenho estado nessa situação eu não sou um sub-homem. Prefiro me identificar com o fato de ser um jogador de futebol, ainda que em um nível amador".

Na preparação do Mundial se combinam então elementos meramente subjetivos e interpretativos, de uma atividade que gera impactos sobre as percepções, com efeitos físicos. De acordo com os relatos, a motivação e a consciência de se preparar para um evento internacional produz uma preocupação, inclusive, de ir para cama cedo de maneira de ter um descanso reparador e adequado para os treinos. Algo que nem todos podem conseguir. Hermann, marfinense, 30 anos: "No meu caso não é possível ter horários estáveis de sono. Trabalho como agente de vigilância em uma companhia. Às vezes trabalho a noite e outras de dia. Assim é impossível uma rotina adequada ao esporte". Alguns se referem a alimentos e consumo de bebidas. Jeff, nigeriano, 29 anos, em preparação para a edição de 2009 de Milão: "A alimentação equilibrada também é da responsabilidade de cada um, ainda que não tenha recursos suficientes. Se você souber preparar arroz, massas e quando puder carne ou peixe, você já está se alimentando bem." Stéphane, francês, 30 anos: "A partir do momento que se está em campo, não se tem uma lata de cerveja. Se você pegar o ritmo, então você para de beber antes de um treino e até mesmo na noite anterior." À medida que a experiência vai ganhando significado e importância, vários jogadores ajustavam e modificavam rotinas de acordo com suas possibilidades.

Desta forma, alguns avançam; enquanto outros caem no percurso, quer por motivos de vistos e passaportes ou por razões relacionadas com a sua preparação. Alguns podem apresentar, por exemplo, desafios ao grupo por não se sentirem membros plenamente. Alguns membros do grupo não se sentiam totalmente adaptados à dinâmica dos treinos. Brahim, franco-argelino, 30 anos: "Eu não vim para me explicarem como jogar, o que tenho que fazer

¹⁷ *Sans Domicile Fixe.*



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

a cada momento e para ser julgado por cada ação. Se eu faço as coisas bem, se dou um bom passe, não há problema. Mas se eu erro, e acontece com frequência, sinto uma tempestade de culpa que recai sobre mim." Há jogadores que podem realmente sentir muita pressão ao ponto de desistir¹⁸.

No entanto, aqueles que viajaram experimentaram um nível crescente de emoções. Nos dias antes da viagem, observa-se uma afirmação do sentimento de comunidade¹⁹. O nervosismo também se faz presente. Karim: "Não consigo dormir, só de pensar que viajamos no próximo final de semana²⁰". É comum o fato de que o grupo, ou que alguns jogadores sejam entrevistados pela imprensa local. É um momento em que o jogador se sente confirmado como um membro. Então, depois de semanas, ou meses, a preparação chega ao fim. A viagem é uma realidade. Às vezes, de avião, outras de ônibus, a viagem é parte do Mundial.

5 O Mundial: entre momentos de emoção, uma festa incomum e algumas decepções

A chegada à cidade, em qualquer que seja o cenário, Melbourne, Milão, Rio de Janeiro ou Paris, é carregada de muita emoção. Alguns cantam, outros gritam os nomes de seus países, alguns até mesmo choram quando descem do avião ou ao andar pelas as principais avenidas. A percepção geral é a de uma festa. Autógrafos são dados, como em Melbourne, onde alguns são confundidos como profissionais. As fotos se multiplicam. Ardi, nigeriano, 30 anos: "Quando no meu país souberem o que eu estou vivendo aqui não acreditarão." Mamadou, guineense, 22 anos: "Eu sonhava com algo assim desde pequeno. Parece ridículo, mas se eu tivesse sido um jogador profissional nunca teria participado com a Guiné de um mundial, mas por ironias da vida estou com a França neste outro mundial."

¹⁸ Sherry mostra para o caso australiano de 2006, a confusão em torno do processo final de seleção. Assim é certo que alguns jogadores não selecionados podem demonstrar sinais de apoio àqueles que viajarão (SHERRY, 2009, p.17); outros - como o caso citado previamente na França - podem distanciar-se ao ponto de não querer mais saber da delegação.

¹⁹ Assim como o que Sherry (2009) e Magee (2011) narram, o nível de excitação se eleva nos momentos que antecedem o mundial.

²⁰ Este nível de nervosismo e de excitação é algo análogo ao que Wacquant (2000) descreve a respeito dos sentimentos nos salões de boxe de Chicago antes da primeira luta no ringue.



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

Figura 01: Delegação da França em Melbourne 2008



Fonte: Autores

Em relação às primeiras sensações, elas são coloridas, mas se apresentam também altos componentes de ansiedade e nervosismo à medida que se aproxima da estreia. Isto se potencializa ou se relativiza em função da pressão que os companheiros colocam sobre a importância de ganhar o mundial ou, pelo contrário, de vivê-lo simplesmente como uma experiência e se livrar da pressão. Tudo é ampliado pela sensibilidade de cada jogador. Porém, o primeiro jogo é fundamental. Alguns dormem pouco, ou quase nada, durante a noite anterior. Este é um dos momentos mais significativos, quando são entoados os hinos nacionais. O uso de entrevistas, bem como a captação de expressões espontâneas *in situ* atesta o sentimento: "Me deu arrepios o hino, mesmo não sabendo toda a letra". "Não podia esperar mais para jogar a primeira partida." A consumação deste primeiro desafio se constitui assim



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

como um liberador de tensão, marcando o início de uma semana agitada. O transcorrer do Mundial compreende muitos transtornos emocionais. A comunidade ganha em coesão quando os resultados esportivos acompanham. É possível perceber, além da alegria da vitória, o fato que ganhar implica também em uma sensação de alívio em vários casos.

Figura 02: Jogo entre França e Chile em Milão 2009



Fonte: autores

No entanto, derrotas inesperadas podem fazer ressurgir velhos problemas. Diferentes situações de desconforto podem ocorrer a partir da derrota. Quando os placares apresentam diferenças esmagadoras – 10, 15 ou mesmo 20 gols – os jogadores podem se sentir realmente humilhados. Nos casos em que há decepções, ou em situações onde se designam certos responsáveis dentro do grupo, o mal-estar fragmenta a comunidade. Damian jogador da



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

delegação argentina em Paris, 2011, 25 anos: "Não pode ser. Me mato jogando em campo e alguns companheiros não deram a menor importância a isso. Não sei para que vieram".

O papel da equipe de acompanhantes reduz, ou em algum caso aumenta a ruptura. Divisões radicais podem surgir de acordo com o clima do grupo. Um treinador de uma delegação latino-americana em Paris 2011 expressava para seu grupo: "Não viemos aqui para nos divertirmos, não viemos a passeio, viemos para ganhar o mundial". A mediação entre as partes pode mesmo tornar-se necessária²¹.

Em contraste, outras equipes adotam formas diferentes de participação. Assim, segundo o treinador do Japão, em 2009, uma das equipes mais fracas da história deste Mundial: "Tenho que dizer todas as manhãs para os meus jogadores que só viemos participar, o resultado esportivo não tem nenhuma importância. Devemos agradecer sempre ao contrário, já que perdemos todas as partidas".

Cada jogador vive experiência intensamente, alguns com grande alegria, uns com grande determinação, outros com alguma apatia. O Mundial como um todo pode induzir, de fato, mudanças bruscas no estado de ânimo. Em alguns empurrando e liberando energias contidas; em outros, prolongando velhas crises de autoestima. Com o passar dos dias e chegado aos momentos finais, os participantes devem se despedir-se do ambiente, do quadro de rotinas, das vibrações das partidas, dos jogadores e jogadoras das delegações com quem estabeleceram um diálogo, ou apenas das saudações diárias. Tudo isso afeta invariavelmente a sensibilidade dos futebolistas. A festa se acaba. Tem que pensar na volta. Mais do que a um país, à uma situação determinada. Cada um levanta questões desde e para sua a sua própria condição. Ali, Senegal, 32 anos: "Isso tudo é muito bonito, mas eu me questiono que ao regressar, não sei onde é que estarei, aonde irei viver, só o fato de pensar já me angustia". Isso pode ser inclusive, para alguns, ainda mais difícil que os momentos que antecedem a viagem. Para outros, no entanto, tudo pode ser diferente. Levan, georgiano, 24 anos: "Este ano tem sido o mais difícil da minha vida, talvez a força que eu encontrei nisso torne possível me reconstruir"²².

²¹ O caso de uma delegação africana em Milão 2009, um técnico repreendia com palavras tão agressivas aos seus jogadores, que membros de outras delegações intervieram no episódio para acalmar a situação.

²² No ano anterior, em 2008, emigrou pra França devido a guerra civil conflagrada na sua província de Osetia.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

6 A volta do torneio: entre a redefinição de situações pessoais e as lembranças do Mundial

A comunidade formada começa a se desfazer no final do Mundial. Como é que eles mesmos se veem após o evento? Quais são as mudanças na percepção sobre suas condições e a projeção de suas identidades pessoais? Isto se refere ao que Goffman (1959) chama a apresentação do Eu na sociedade, e significa para nós discernir a situação dos jogadores em perspectiva com a *Homeless World Cup* e a maneira na qual eles refletem não só suas experiências, mas também a suas identidades. Não há, neste sentido, uma ordem cronológica prevista na assimilação.

O retorno imediato é permeado em geral por um alto nível de excitação. Expressões dissimiles apontam diferentes percepções nos dias posteriores ao evento: "Não consigo me acostumar ao acordar e saber que não tem que jogar uma partida", "Todavia não gosto de tudo que me aconteceu", "Vou treinar para ser assistente e viajar ao próximo Mundial." Em relação ao cenário específico em que se passou o Mundial, alguns jogadores projetaram o desejo de voltar à cidade. Assim, os testemunhos são compartilhados com os companheiros dos abrigos, com os assistentes sociais, com os amigos e parentes que mantiveram os laços, seja pessoalmente ou a distância²³. Há aqueles que retomam suas atividades já em curso desde antes do Mundial. Karl: "Ao voltar de Copenhague (edição de julho de 2007) e entrar no restaurante onde trabalho, todos os meus colegas começaram a me aplaudir, até o ponto que eu queria chorar de emoção". Para alguns, a experiência se traduz em impulsos de energia. Benjamin contou quatro meses após Melbourne 2008: "Depois do mundial estou cheio de energia, agora estou fazendo uma capacitação profissional para me tornar eletricitista. Quando acordo de manhã sinto a mesma energia que tinha no mundial para ir jogar". Em outros casos, há jogadores que enfrentam uma vida diária que se apresenta como um vazio. Karim: "Quando voltamos de Melbourne me disseram no meu hotel que já não havia lugar para me

²³ Seria preciso falar do que Goffman denomina a *face* (*the face*), em português não poderia se interpretar como a cara de um ator social, mas talvez com a imagem que se projeta, ainda que isto possa estar sujeito a diversas interpretações. Recomenda remeter-se em particular a Goffman (1959), *The presentation of self in everyday life*.



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

hospedar. Entrei em um tremendo desespero. Procurei o assistente social que me ajudava e não o encontrei. Estive a ponto de cair em uma crise nervosa”.

O planejamento anterior a viagem assume um valor precioso para aqueles que podem antecipar e encontrar alternativas para encarar sua situação ao regressar. Caso contrário, os sintomas de desesperança e depressão reaparecem. Há, então, uma redefinição de situações e de direções uma vez passado o evento. Comemora-se quando é positivo. Mas também quando não se obteve todo o sucesso esperado. Um jogador da delegação de Melbourne classificou a experiência como altamente angustiante: "Eu queria voltar desde o segundo dia, me sentia fora de foco. Vivi coisas, mas eu não gostaria de estar tão longe de novo. Não entendia o idioma, me sentia prisioneiro e dependente do grupo para qualquer coisa".

Em contrapartida, estão os que consideram que a experiência mudou suas vidas. Por exemplo, Mariano da delegação espanhola participante em 2004²⁴: "Durante o primeiro o primeiro mundial escondia o álcool e bebia antes das partidas. Me dei conta que não podia continuar assim, eu estava a caminho do cemitério. O fato de não poder nem praticar esportes com os vícios me levou a repensar toda a minha vida. Por tratamento durante três anos eu pude definitivamente deixar o álcool". Para este jogador espanhol, bem como para alguns na França, participar dos treinamentos com as respectivas equipes tem servido para manter uma constância e um sentido. Mariano: "À medida que ia regenerando minha vida e via como os meninos treinavam para o mundial pude dar-lhes conselhos e eles me ouviam." Sua realização foi ter viajado em 2009 como um membro do *staff* da delegação espanhola: "Isso me fez perceber que ao fim tinha a minha própria recompensa e que a mudança era possível".

Mas com o passar do tempo, as emoções vão diminuindo em intensidade. A distância desempenha um papel na interpretação dos efeitos produzidos pela participação no evento internacional. Diferentes lembranças se instalam na memória de cada jogador. Toussaint, um participante na Cidade do Cabo 2006 – a um ano e meio do mundial: "Toda a viagem está em minha memória. Desde o avião, o sol, as festas e os abraços. Desejo que muitas pessoas vivam algo assim em suas vidas". Stéphane, 4 anos depois de Gotemburgo 2004: "Agora eu vejo que muitos jovens são preparados e há um monte de imprensa que fala sobre isso. Quando eu penso que eu participei da primeira delegação da França nesta Copa do Mundo,

²⁴ Entrevistado em Madri, novembro de 2011, logo após o mundial de *Paris 2011 Homeless World Cup*.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

me dá muito orgulho, porque eu sei de antemão tudo que viverão". Benjamin, um ano e meio depois de Melbourne: "A confiança que me deu jogar o mundial fez com que ao treinar e jogar uma partida com a minha equipe atual sei que sou capaz de controlar o estresse sem problemas".

Naqueles jogadores que se observam progressos; quer em termos de uma rotina, formação profissional, retorno ao sistema educacional, ou bem em estado emocional, se percebe um relato de suas próprias vidas transformadas. Com base na sociologia de Goffman (1967), é precisamente aí onde uma forma de apresentação do Eu transformado. Neste caso, não como pessoas na rua, sem-teto, *homeless*, ou SDF (na França), mas como jogadores de futebol ou apenas como pessoas normais. Em determinadas circunstâncias, os estigmas são fortemente rejeitados pelos jogadores. Anthony, 4 meses após o mundial do Rio 2010, expressou a um jornalista: "Por ter estado em uma situação como essa não quero dizer que sou uma pessoa sem residência fixa. Eu sou uma pessoa antes de tudo. Agora que eu vivo em uma residência, o que sou eu então? Pessoa em residência para jovens trabalhadores?". Karl, irritado, dois anos após de ter participado do mundial de 2007: "Me dá raiva que por ter vagado na cidade por uns meses tenha que ficar explicando que já não sou SDF. Este mundial pode ajudar a mostrar que há pessoas que podem deixar de ser *homeless*"²⁵.

O tempo para alguns jogadores é visto como o aprofundamento de algumas relações, uma amizade com um companheiro de equipe, visitas frequentes ou falar com o treinador que os acompanhou. O que resta dessa comunidade são alguns laços, recordações e anedotas do repertório de cada um. Em outros casos, podem acontecer rupturas por conta de algum episódio, o desgaste das relações durante o mundial, ou as reações suscitadas posteriormente ao regresso. Sergio, treinador da equipe argentina deixou claro durante o mundial de Paris 2011:

Com a maioria dos meninos e meninas que têm integrado as delegações argentinas mantivemos contato. Vemos o progresso de cada um e isso nos enche de satisfação. Há meninas que estão estudando, existem rapazes que deixaram as drogas. Mas depois de cada experiência há sempre alguns que rompem com o grupo. São muitas as coisas que vivenciam. Alguns perdem a cabeça devido a frustração por não ter

²⁵ Outro jogador, Arezki, depois de um ano de ter participado e trabalhado como treinador da equipe formada para 2011, sugeriu aos responsáveis na França que solicitassem a mudança de nome de *Homeless World Cup*: "Se continuamos dizendo que todos são *homeless*, então estamos presos nesta lógica".



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

vencido mais partidas ou porque tudo o que acontece escapa ao seu controle emocional.

Assim, existem relações que desaparecem após o Mundial²⁶. Alguns jogadores retornam às suas cidades natais nas províncias, longe da capital, onde geralmente se organizam as atividades, motivo pelo qual certos contatos vão se perdendo. Em outros, as brigas fazem com que uma relação seja rompida definitivamente, e muitos outros, a timidez e apatia podem levar ao isolamento. Alguns dos que se afastam podem ficar desapontados sobre suas expectativas e, especialmente, a resposta da associação que os selecionou como jogadores com ajuda para resolver questões e problemas. Samir, três meses depois do mundial de Paris: "Durante meses nos chamaram, e agora que isto acabou, nada, nem uma chamada." Muitas vezes, o acompanhamento é prolongado, mas às vezes interrompido pelo fato de que as associações nem sempre têm a capacidade de atender cada um.

Dado que a cada ano se prepara uma nova equipe, em alguns países, o tempo de trabalho efetivo com jogadores de edições passadas diminui consideravelmente. Em outros casos as associações conduzem com muita seriedade a etapa pós-mundial, isto varia entre os países de acordo com as prioridades das associações. Em algumas o aspecto esportivo diante do mundial é a prioridade, enquanto outras a atenção se volta para o seguimento das pessoas. Isso pode causar certos sentimentos de abandono, algumas frustrações e as razões para o isolamento.

Passado o tempo, também, a maioria dos jogadores já não se encontra em uma situação de protagonismo. Na qual haviam sido o foco principal de atenção - pelo menos por um círculo social determinado-. Durante os meses anteriores ao torneio se acostumaram a ser o centro das atenções, inclusive durante o Mundial e imediatamente ao retorno também. Ao longo dos meses, esse protagonismo vai desaparecendo. Toussaint: "Depois do mundial é como se os flashes se apagassem e já não tirassem mais fotos. Você tem que inventar a sua vida de novo e saber que o que se passou acontece apenas uma vez na vida. Está em cada um acordar todos os dias e querer fazer algo com nossas vidas. É verdade que fortes quedas morais podem ocorrer, mas chega um momento em que temos de dizer a nós mesmo que

²⁶ Refere-se a um jogador entrevistado, participante no mundial de 2007, o responsável pelo projeto dizia em 2010: "Não sabemos o que aconteceu com ele, de repente desapareceu e ninguém tem notícias".



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

somos responsáveis por nosso rumo." Os desafios podem se multiplicar para os jogadores, dependendo do grau de estabilidade emocional e dos problemas a serem solucionados. O Mundial acaba sendo uma memória, e um velho trampolim se foi possível capitalizar para repensar, realmente, mudanças pessoais. Existem diferentes tipos de resultados; alguns significativos, outros mais discretos, e outro punhado onde pouco mudou, ou mesmo onde as coisas se tornaram mais difíceis.²⁷

7 Considerações Finais

A descrição do processo de preparação, os momentos intensos do Mundial e transformação em uma memória, com componentes que impactam sobre a identidade e na projeção de uma imagem pessoal no sentido da sociologia de Goffman (1959), fazem deste acontecimento uma experiência significativa para a maioria dos jogadores. Desde o início, começa-se a formar uma comunidade que viverá emoções, altos e baixos, períodos de excitação e algumas decepções. Estabelecem-se relações, se constroem diferentes tipos de laços com os treinadores e com o grupo. Criam-se expectativas recíprocas entre os jogadores e responsáveis. Os primeiros esperam orientação, apoio e até mesmo envolvimento (em alguns casos) em situações pessoais. Os segundos esperam despertar motivação e sentido nos jogadores em relação a experiência. Buscam que se comprometam e pretendem, implícita ou manifestamente, assim como observar, dar conta e falar do progresso nos jogadores. No caso dos jogadores acompanhados na França, se procurou nesta pesquisa uma visão equilibrada, não apenas destacar os efeitos benéficos, mas também as rupturas, os desequilíbrios e as insatisfações que podem acontecer, sobretudo na sensibilidade dos jogadores.

Algumas pesquisas²⁸ têm procurado demonstrar os efeitos reabilitadores que o *Football* traz para as pessoas em situações de *homelessness*. No que se refere às conclusões deste presente trabalho, também se considerada importante incluir outras facetas, incluindo as distorções que podem piorar a autoestima das pessoas que enfrentam muitas dificuldades se

²⁷ Um jogador irlandês em 2006, não pode retomar sua vida após o mundial. Meses depois de sua participação morreu de uma overdose. Este é um caso extremo mas existem vários onde os jogadores não conseguem melhorar sua situação.

²⁸ Leia-se as valiosas e pioneiras pesquisas de Sherry (2009) e de Magee (2011).



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

inserir na sociedade. Não se pode ignorar o fato de que existem lesões físicas potenciais, como entorses ou ruptura de qualquer ligamento em diferentes momentos. Aliás, quando a experiência não funciona para algum jogador, lesões emocionais também podem ser causadas por conta das expectativas voltadas neste Mundial. O acompanhamento pré-mundial pode ajudar a gerar objetivos, assim como criar metas concretas ao longo do tempo. Mas também é preciso pensar sobre o que acontecerá após o fim do torneio. Muitas coisas podem mudar, de fato, mas também podem se perder se não houver um acompanhamento ou consideração pelas demandas dos jogadores, sobre todos aqueles que pedem auxílio após o Mundial. O equilíbrio em direção na autonomia progressiva é difícil e instável. Em alguns casos, a autonomia para encaminhar uma direção não se alcança plenamente logo após o evento internacional, mas requer um processo muito mais longo. É importante não ignorar isto e levar em consideração. Algumas associações o fazem, mas outras se veem limitadas pela falta de tempo e capacidade de prolongar o acompanhamento pós-mundial. Existem associações que se preocupam tanto com a preparação esportiva da próxima equipe, que acabam deixando de lado os ex participantes.

Em um trabalho de mapeamento como o que aqui foi feito, é importante alertar para evitar que se repitam certas tensões e decepções ano após ano. A participação neste mundial implica muitos desafios para todas as partes. À medida que a presença nos mundiais se torna recorrente e sistemática, se apresentam novos casos, perfis distintos e problemas diferentes para as associações atenderem. Da mesma forma, a participação implica um grande desafio para as pessoas que fazem parte desta experiência. Alguns jogadores podem sentir muita pressão, especialmente quando são exigidos resultados esportivos. Avaliar cada momento como algo positivo nem sempre é tarefa simples. Portanto, a assistência social e até emocional torna-se desejável. As reuniões de grupo e a possibilidade de expressar o que sentem revestem de um interesse especial, inclusive, meses após o evento. Há jogadores para quem a experiência é assimilada como algo único, que irá proporcionar não só histórias e bem-estar, mas serve para retomarem um rumo. Para outros, a experiência é desestabilizadora, porque eles não estavam preparados, ou porque foi gerado um curto-circuito ao longo do caminho.

Várias delegações estão se esforçando para demonstrar que a prática de futebol induz um impacto significativo sobre seus jogadores. Visando também atrair parceiros para os



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

projetos que possam financiar instalações e espaços esportivos e a viagem para os jogadores; que é, em alguns casos, muito caro. Algumas delegações reivindicaram, inclusive, que o mundial não se realize anualmente, mas a cada dois ou três anos. Uma mostra que nem sempre se pode lidar com todo o trabalho diário e a envergadura de uma viagem desta grandeza. Há certamente histórias comoventes, experiências extraordinárias e efeitos significativos. Alguns ex-jogadores tornam-se, por exemplo, uma referência para os novos companheiros. Muitos destes se apresentam como pessoas renovadas, projetando uma identidade positiva. Mas isso não acontece com todos. Jogar futebol não é uma ferramenta automática. Não se trata de uma solução milagrosa. Não se pode acreditar em um único discurso de que tudo é belo e extraordinário. Certamente haverá mais estudos sobre este mundial, pesquisas que indiquem efeitos gerados sobre os jogadores, estudos que expliquem metodologias de trabalho implementadas ou relatórios que descrevam como as delegações se preparam e como acontecem esses mundiais tão particulares. Este trabalho se posiciona como uma contribuição crítica, em língua portuguesa, para incentivar a reflexão e diferente abordagem de realidades resultadas destes circuitos e sobretudo da participação de pessoas em situações de alta vulnerabilidade social em eventos esportivos internacionais. Incentivando assim, a produção sociológica que procura dar conta, para além dos efeitos benéficos, o fato de também considerar todos os elementos que geram impactos sobre os jogadores; e as associações também. Tais análises, independentes, poderão contribuir para uma melhor gestão da ferramenta do esporte para o benefício de pessoas relegadas a situações de marginalidade e diversas outras formas de exclusão social.

Referências

BAILEY, R. Evaluation the relationship between physical education, sport, and social inclusion, **Educational Review**, v. 57, n. 1, p. 71-90, 2005.

BLOOMFIELD, J. **Australia's Sporting Success: the inside story**. Sydney: UNSW Press, 2003.

BROUSSE, C.; FIRDON, J.M.; MARPSAT, M. **Les Sans Domiciles Fixe**. Paris: La Découverte, 2008.



As situações da copa do mundo dos sem teto em perspectiva: uma análise a partir das experiências e olhares dos jogadores

BURNETT, C. Social Impact Assessment and Sport Development. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 35, n. 1, p. 41-57, 2001.

BURNETT, C. Building Social Capital Thought an Active Community Club. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 41, n. 3-4, p. 283-294, 2006.

CALLERO, P. L. The Sociology of the Self. **Annual Review of Sociology**, v. 29, p. 115-133, 2003.

CRABBE, T. Reaching the hard to reach: engagement, relationship building and social control in sport based social inclusion work. **International Journal of Sport Management and Marketing**, v. 2, n. 1-2, p. 27-40, 2007.

DEFRANCE, J. **Sociologie du Sport**, Paris: La Découverte, 2000.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. Nova York: Double Anchor, 1959.

GOFFMAN, E. **Interaction Rituals: essays on face to face behavior**. Nova York: Double Anchor, 1967.

GREEN, M. From Sport for All to Not About Sport at All? Interrogating Sport Policy Interventions in the United Kingdom. **European Sport Management Quarterly**, v. 6, n.3, p. 217-238, 2006.

GREEN, B. C. Sport as an agent for social and personal change. In: GIRGINOV, V. (edit.), **Management of sport development**, Londres: Butterworth- Heinemann, 2008, p. 130-145.

GIULIANOTTI, R.; AMSTRONG, G. & HOGNESTAND, H., Sport and Peace. **International conference Sport and Development**, Magglingen: Swiss Academy for Development, p. 16-18, fev. 2003.

HOULIHAN, B. **Sport, Policy and Politics: A comparative analysis**. Londres: Routledge, 1997.

HYLONT, K.; TOTTEN, M. Community Sport Development. In.: HYLTON; BRAMHAM (edit.), **Sport development: policy, process and practice**, Londres: Routledge, 2008, p. 77-188.

MAGEE, J. Disengagement, de-motivation, vulnerable groups and sport inclusion: a case study of the Homeless World Cup. **Soccer & Society**, v. 2, n. 12, p. 159-173, 2011.

MAGEE, J.; JEANES, R. Football's coming home: A critical evaluation of the Homeless World Cup as an intervention to combat social exclusion. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 1, p. 3-19, 2013.



Fernando Segura M. Trejo; Rafael Soares Gonçalves

O'MAY, F. **Homeless World Cup, Milano 2009**. Research and Evaluation Report, november2009, Edimburgo: Queen Margaret University, 2009.

SEGURA M. TREJO, F. **La Homeless World Cup et le Championnat de lutte contre l'exclusion sociale en France**. Analyse sociologique de parcours d'exception. 2011. Tese (*Doutorado em sociologia*) – *Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris*, 2011.

SEGURA M. TREJO, F. La gouvernance de la Homeless World Cup, In: ATTALI, M., **La Gouvernance du Sport**, Paris: Centre National de Recherche Scientifique, 2012,

SEGURA M. TREJO, F. **Football experiences to combat social exclusion and a World Cup: what kind of social capital beyond the tournament?**, DAP, 278, CIDE A.C., México, 2013

SEGURA M. TREJO, F., ATTALI, M.; MAGEE, J. The experience of defeat: Applying Goffman to examine a football tournament for socially excluded homeless individuals. **International Review for the Sociology of Sport**, On Line Fisp, oct. 2015.

SHERRY, E. **Homeless World Cup. Melbourne 2008**. Research and Evaluation Report, December 2011, Melbourne: The Trobe University, 2009.

SHERRY, E. (Re)engaging marginalised groups through sport: The Homeless World Cup. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 45, n. 1, p. 59-71, 2010.

SHERRY, E., KARG, A. & O'MAY, F. Social capital and sporting events: Spectator attitudinal change and the Homeless World Cup. *Sport in Society* v. 14, n. 1, p. 111-125, 2011.

WACQUANT, L. **Corp et âme: carnets ethnographique d'um apprenti boxeur**. Marseille: Agone, 2000.

Artigo recebido em abril de 2016
e aprovado em maio de 2016